

Projetos de Aprendizagem Solidária e Empreendedorismo Social Por Isabella Alchorne¹ e Sofia Carvalho²

Com o objetivo de exemplificar projetos de aprendizagem solidária e empreendedorismo social dos Colégios Anchieta e Anhembi Morumbi, este e-book conta a história apenas de dois casos trabalhados. Para conhecer mais projetos e histórias, basta acessar o site do Movimento Futuro (www.movimentofuturo.com.br). Os projetos descritos a seguir se encontram por ordem cronológica.

Em 2016, no Colégio Anchieta, a Amanda, a Isabelle, a Yasmim e o Pedro se interessaram por resolver o problema das pessoas em situação de rua da cidade de São Bernardo do Campo. O incômodo foi trazido por uma das estudantes que descreveu a angústia que sentia, todos os dias, no seu trajeto casa-escola e escola-casa, ao encontrar várias pessoas dormindo na rua e solicitando alimentos.

A ideia inicial foi conhecer um abrigo da cidade e conversar com as pessoas para compreender o problema e pensar em soluções que fossem necessárias, de modo a resolver problemas reais. O primeiro plano que surgiu foi, segundo os estudantes: “a proposta de um jantar coletivo com moradores de rua, e adaptado aos nossos recursos, nasceu a ideia de arrecadar e distribuir itens de necessidade aos mesmos”. Mas será que era realmente isso que era necessário e real?

Escutando funcionários do abrigo e usuários do espaço, perceberam que as demandas por comida e roupa não eram as mais apontadas, mas sim as demandas como escuta e afeto. Posteriormente, os estudantes foram escutar as pessoas que estavam ocupando uma praça no centro da cidade, mais uma vez perceberam a necessidade de não serem invisíveis aos olhos dos transeuntes que por eles passavam.

¹ Isabella Alchorne é brasileira, advogada criminalista graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (dezembro/2016). Quando estagiou na Defensoria Pública da Infância e Juventude, percebeu a importância de se dedicar ao jovem e à uma educação verdadeiramente transformadora. Co-fundou o Movimento Futuro, tornando-se Arquiteta de Sonhos em 2018. Também naquele ano, iniciou os estudos de Licenciatura em Pedagogia, no Instituto Singularidades.

² Sofia Carvalho nasceu em Portugal e é graduada em Serviço Social pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto – Portugal (abril/2011). Por três anos, desenvolveu um trabalho com moradores de rua, quando percebeu a importância de sonhar. Em 2014, se mudou para São Paulo – Brasil – iniciando o projeto o Movimento Futuro, tornando-se Arquiteta de Sonhos no ano seguinte. Em 2018, co-fundou a Associação Movimento Futuro. Em junho de 2019, completou a Licenciatura de Pedagogia pelo Instituto Singularidades.

Assim nasceu o projeto Humanizando SBC, que, segundo os seus fundadores, é um projeto em que: “vamos até às ruas trocar histórias, sonhos e experiências com pessoas em situação de rua, além de doar alimentos, roupas, muita atenção e amor. O nosso objetivo é dar visibilidade para a parte invisível da cidade e despertar a empatia e o desejo de ajudar o próximo”.

Para conseguir estabelecer um diálogo com as pessoas que estavam em situação de rua, os estudantes pensaram em levar para a conversa um lanche para compartilhar. Relembrem: “Logo no primeiro dia em que fomos para rua, sensibilizamos alunos e funcionários da escola a colaborarem e a participarem do nosso projeto”.

A pergunta seguinte que os estudantes se colocaram foi: o que fazer para tirar da invisibilidade as histórias escutadas? Nesse momento, descobriram uma página no *Facebook*, *SP Invisível*, que conta histórias de pessoas em situação de rua. Rapidamente conversaram com os idealizadores da página e fizeram uma parceria para criarem a página ABC Invisível, e, em quatro dias, os jornais locais começaram a divulgar a ideia.

Numa conversa de reflexão e avaliação dos projetos, os estudantes identificaram que: “a parte difícil foi dar o primeiro passo para a realização do projeto, o medo de não ter sucesso e a dificuldade em conciliar datas foi um impasse por algum tempo. Uma das coisas que mais aprendemos no primeiro dia foi que as pessoas nem sempre precisam de coisas materiais, mas sim de atenção, apoio e empatia da nossa parte. Em poucos dias, ganhamos espaço em sites de cinco jornais locais e com a proposta de mais um. Todos cooperaram com a ideia e permanecemos juntos em todas as decisões, o que tornou tudo mais especial. Depois de tudo, estamos empenhados em continuar e ampliar o nosso projeto para alcançar cada vez mais pessoas e fazer do Humanizando SBC algo que mude a forma de pensar das pessoas da nossa cidade em relação aos moradores de rua da região”.

Para que este projeto fosse possível, foi essencial o trabalho da coordenadora na escola e do professor com os estudantes. Juntos, eles estudaram a temática dos problemas sociais inerentes à problemática da exclusão social e pobreza, identificaram dados estatísticos sobre pessoas que estão em situação de alta vulnerabilidade na cidade de São Bernardo do Campo, além de desenvolverem competências previstas na BNCC, como a empatia, projeto de vida, cidadania, entre outros.

Hoje os estudantes já se formaram no Colégio Anchieta. Revelam que o Movimento Futuro, e este projeto em especial, foram cruciais para as suas formações integrais e escolhas profissionais. Isabelle, por exemplo, cursa Políticas Públicas na Faculdade do ABC.



Já em 2019, os estudantes do 9º ano do Colégio Anhembí Morumbi, Caique, Clara, João Carlos, Luis Fernando, Lucca e Rafael, tiveram o desafio de sonhar com um projeto que transformasse a realidade. A primeira ideia foi pensar num projeto que desenvolvesse um trabalho significativo com indígenas. Algo que trouxesse a questão dos indígenas para dentro da escola sem ser de forma caricaturada, e que, simultaneamente, aproximasse os indígenas com a realidade dos estudantes. Para iniciar o projeto e pensar no que de fato promove transformação, era essencial conhecer uma aldeia indígena, para conhecer as suas histórias, tradições e, acima de tudo, as pessoas. Combinamos com a coordenadora pedagógica de algumas aldeias indígenas, responsável por articular a escola institucionalizada com as crianças e jovens da aldeia, para conhecer o seu trabalho nesses locais e as pessoas com que os estudantes gostariam de trabalhar. O dia, a hora e o local estavam combinados, as galochas compradas, os responsáveis prontos para seguirem com os estudantes nesta aprendizagem, quando recebemos a notícia de que não seria possível conhecer esses locais, porque se desencadeou uma série de problemas entre a coordenação pedagógica e a aldeia.

Frustrados, os estudantes perderam o ânimo e estavam sem conseguir vislumbrar algo que pudesse ser tão significativo quanto aquele projeto. Voltando à sala de aula, questionamos sobre quais eram os objetivos deles ao conhecer aquela aldeia; quais as aprendizagens que estavam por detrás daquele projeto; e o que sonhavam resolver conhecendo pessoas diferentes ao seu cotidiano.

Instigados a refletirem sobre isso, os estudantes concluíram que o cotidiano deles era repleto de pessoas muito semelhantes, ou seja, eram as pessoas que conviviam na escola e nas suas famílias. Perceberam que para conhecerem o mundo, é também necessário conhecer as demais pessoas que habitam o mundo. Refletiram e lembraram a experiência que tinham dito no ano

anterior, ao conhecerem estudantes de uma escola pública, de um território tão diferente dos seus, com histórias tão diferentes e simultaneamente tão próximos em gostos musicais e outras coisas que se partilham na adolescência. Por isso, se questionaram sobre a importância daquilo nas suas vidas e como gostariam que mais adolescentes tivessem a oportunidade de escutar perspectivas de vida tão diferentes e semelhantes, simultaneamente.

Nasce, assim, o minidocumentário “O que é ser Jovem em 2019?”. Um filme que visa a descobrir o que os jovens pensam sobre a vida, sobre o futuro, a atualidade das juventudes que vivem. Para isso, foram feitas gravações com adolescentes que vivem em diferentes locais da cidade de São Paulo e com contextos socioeconômicos diferentes. O minidocumentário contou com a participação dos responsáveis dos estudantes do Colégio Anhembi Morumbi, de estudantes de outras escolas privadas próximas e de estudantes de uma escola pública na região do Grajaú, em São Paulo.

A relação existente com o currículo foi realizada através articulação com professores das ciências sociais, que explicaram os conceitos de juventudes (que é diferente do de “juventude”), assim como articularam com o currículo de história e sociologia para compreenderem e vivenciarem como a estratificação social, desigualdade e pobreza coexistem numa cidade como São Paulo e se personifica nas diferentes adolescências. Além disso, foi feita uma reunião com uma cineasta para explicar aos estudantes como se faz um documentário e auxiliá-los na escrita do roteiro de perguntas aos entrevistados.

Um minidocumentário que pode ser assistido pelo YouTube (link: <https://www.youtube.com/watch?v=mbWubuxMqhE>) e que tem como objetivo transformar os olhares dos jovens para as diferentes realidades das juventudes na cidade de São Paulo. Afinal, ser jovem em São Paulo pode ser muito diferente e muito igual, ao mesmo tempo.

